

As duas versões do Pano Reconstruído¹

The two versions of the Reconstructed Pano

Sanderson Castro Soares de Oliveira²

ORCID: 0000-0003-4260-2934

DOI: 10.26512/rbla.v14i1.46456

Recebido em agosto/2022 e aceito em outubro/2022

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise contrastiva dos trabalhos de Shell publicados em 1965 e 1975, considerado pela maioria dos panoístas como a principal referência dos estudos da família e como se a segunda publicação fosse uma simples tradução da primeira. Após apresentar algumas informações biográficas e de contextualização das duas obras, demonstra-se que a maioria dos pesquisadores de línguas Pano têm usado Shell (1975) como referência principal. Na sequência, analisa-se as diferenças entre os dois textos, evidenciando mudanças substanciais no quarto capítulo das publicações da autora que incidem sobre a reconstrução da terceira sílaba e do morfema de referência transitiva. O artigo encerra chamando a atenção para a importância dos pesquisadores da área darem mais atenção a importantes detalhes da tese de Shell (1965) e de se considerar a publicação de 1975 como uma revisão e ampliação da primeira publicação, com diferenças substanciais.

Palavras Chave: Família Pano; Proto Pano; Historiografia linguística.

Abstract

This paper presents a contrastive analysis of Shell's works published in 1965 and 1975, considered by most Panoists as the main reference for this family studies and as if the second publication were a simple translation of the first. After presenting some biographical and contextual information about the two works, it is shown that most Panoan languages researcher have used Shell (1975) as their main reference. The differences between the two texts are analyzed, showing substantial changes in the fourth chapter of the author's publications that focus on the reconstruction of the third syllable and the "transitive reference morpheme". The article concludes by emphasizing the importance of panoanist researchers paying more attention to important details of Shell's thesis (1965) and considering the 1975 publication as a revision and expansion of the first publication, with substantial differences.

Key words: Panoan Family; Proto Pano; Linguistic historiography.

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001; da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Universal, Edital 006/2019); e da Universidade Federal do Amazonas.

² LCA/PPGL/UFAM. E-mail: sanderson@ufam.edu.br

1. Introdução

Os estudos de Olive Shell intitulados *Pano Reconstruction* (1965) e *Las Lenguas Pano y su Reconstrucción* (1975) são, até a presente data, considerados versões de um mesmo trabalho e a principal referência para os estudos históricos e classificatórios da família Pano. Neste artigo, apresenta-se uma análise pormenorizada de detalhes analíticos e reconstitutivos que diferenciam os dois estudos, que devem ser considerados distintos e não apenas versões de um mesmo trabalho.

Este artigo, de natureza historiográfica³, visa chamar a atenção para importantes questões presentes nos trabalhos de Shell que não estão sendo consideradas pelos estudiosos de línguas Pano, os quais ainda usam suas hipóteses reconstitutivas. O presente artigo está constituído de mais quatro seções. Na segunda seção apresentam-se uma breve biografia de Shell e informações sobre os seus dois trabalhos (Shell 1965, 1975). Na terceira seção, discute-se o impacto dos dois trabalhos de Shell (1965, 1975) para o conhecimento das línguas Pano, evidenciando que Shell (1975) tem servido como principal fonte aos pesquisadores de línguas dessa família. Na quarta seção, são discutidas as diferenças entre os dois trabalhos – diferenças menores e maiores. Por fim, são apresentadas as considerações finais, em que se chama atenção para a inserção de novos dados de Mayoruna, para a modificação substancial do quarto capítulo, em Shell (1975), chamando atenção ainda para maior consideração aos detalhes analíticos das propostas de Shell e para a necessidade de leitura de Shell (1965).

2. Sobre a autora e suas duas publicações

Olive Alexandra Shell⁴ foi uma linguista e missionária canadense⁵,

³ Neste trabalho, não são discutidas ou revisadas, de forma específica, as hipóteses de Shell (1965), abordadas anteriormente por Oliveira (2014).

⁴ Agradeço imensamente a Kelsey Neely pela consulta realizada por e-mail a Mary Ruth Wise, quem enviou um e-mail com informações sobre Olive Shell e no qual me baseio para as notas biográficas dessa seção. Diferentemente do tratamento dado a outros de seus membros influentes como Sarah Gudschinsky (<https://www.sil.org/linguistics/dr-sarah-c-gudschinsky>) e Desmond Derbyshire (<https://www.sil.org/linguistics/desmond-c-derbyshire-1924-2007>), o *Summer Institut of Linguistics* não dedica nenhuma página a Olive Shell.

⁵ Há na internet (<https://ancestors.familysearch.org/en/LRZL-54M/olive-alexandra-shell-1907-1994>) o registro sobre uma Olive Alexandra Shell nascida em 30 de Janeiro de 1907, em Uxbridge, Durham, Ontario, e que faleceu em 23 de novembro de 1994, aos 87 anos, e foi cremada na mesma cidade. Apesar da coincidência de nomes e de algumas

que chegou ao Peru para atuar junto com o primeiro grupo do *Instituto Lingüístico de Verano - ILV*⁶, em 1946. De acordo com informações de Mary Ruth Wise, Shell iniciou o estudo da língua Kashibo (Kakataibo) quase imediatamente após sua chegada ao Peru, ainda em Lima, e seguiu para a Amazônia Peruana, quando do início do Programa Escolar Bilingue do Ministério da Educação Peruano. Segundo Larson, Davis e Dávila (1979, 30), Olive Shell

foi a subdiretora do Primeiro *Curso de Capacitación para Maestros Bilingües de la Selva*, nos vários anos subsequentes colaborou na preparação de currículo e materiais para todo o programa. Ademais, na qualidade de pesquisadora linguística do idioma Cashibo, preparou materiais para os professores bilingues desse grupo idiomático. É autora de vários estudos linguísticos sobre o Cashibo e de trabalhos comparativos em geral, e dos idiomas da família pano, em particular⁷.

Wise recorda ainda que Olive Shell teria escrito os “primeiros textos aritméticos para as escolas” e que teria ensinado na *Universidad San Marcos* em 1964 (provavelmente fonética e fonologia). Apesar de não ter certeza, Wise informa que Shell teria terminado sua vida no Canadá, no final da década de 1980.

Olive Shell defendeu sua tese⁸ “apresentada à Faculdade de Estudos

informações convergentes, não há como garantir que se trata da linguista-missionária tema desse artigo. Algumas informações biográficas sobre Shell são ainda tentativas, por exemplo, a sua nacionalidade não é explicitamente citada, mas se baseia na informação de Wise de que Shell teria vindo do Canadá para o Peru.

⁶ Internacionalmente esta instituição se denomina *Summer Institut of Linguistics – SIL*, mas referimo-nos aqui ao nome como é conhecida no Peru, local de atuação da linguista-missionária.

⁷ No original: “fue la subdirectora del Primer Curso de Capacitación para Maestros Bilingües de la Selva y, en varios años subsiguientes, colaboró en la preparación de curricula y materiales para todo el programa. Además, en su calidad de investigadora lingüística del idioma cashibo, ha preparado materiales para los maestros bilingües de ese grupo idiomático. Es autora de varios estudios lingüísticos sobre el cashibo y de trabajos comparativos en general, y de los idiomas de la familia pano, en particular”.

⁸ O presente artigo baseia-se, principalmente, na versão em inglês (Shell, 1965) digitalizada da Biblioteca do *Max Planck Institute für Evolutionäre Anthropologie*, que me foi repassada pelo linguista Adam Talman. Noto, entretanto, que consta na versão consultada que os microfilmes são da *University of Michigan, Ann Arbor*. Ao examinar a versão, notei a ausência das páginas 12 e 13, o que me fez buscar outra versão, sem sucesso. Felizmente, as páginas iniciais (os mesmos “microfilmes” de Michigan) estão disponíveis on-line no site da *University of Pennsylvania*: <https://repository.upenn.edu/dissertations/AI6604648/>. No caso do trabalho de Shell (1975), baseei-me na versão disponível on-line no site do *Summer Institute of Linguistics (SIL)*, na verdade, na segunda edição,

Graduados de Artes e Ciências da Universidade da Pensilvânia”⁹, em 1965. Aparentemente, a tese foi orientada pelo comparativista Henry Max Hoenigswald, a quem Shell agradece “pela instrução no método comparativo e pelos conselhos em sua aplicação às línguas Pano”¹⁰. Sobre a repercussão da tese, Longacre (1968, 128-131) faz uma avaliação bastante positiva e um resumo dos principais pontos apresentados pela autora. Girard, por sua vez, (1971)¹¹ toma a tese de Shell como referência para realizar comparações com a família Takana. Alguns artigos publicados na *Série Linguística Peruana 10*, *Estudios Pano I* e *Série Linguística Peruana 11*, *Estudios Pano II*,¹² tomam Shell (1965) como sua principal fonte para hipóteses reconstrutivas e para análises histórico-comparativas (cf. Loos 1978a, 118, 126; Loos, 1978b, 248, 276; Kneeland, 1978, 101).

Em 1975, é publicada a primeira edição do trabalho intitulado *Las Lenguas Pano y su Reconstrucción*, cuja autoria é atribuída a Olive Alexandra Shell e cuja versão espanhola é atribuída a Ezequiel Romero Sanchez-Concha. Sobre o contexto de produção dessa obra, sabe-se menos do que sobre a obra que lhe deu origem. Sobre Shell (1975), Fields (1978, 311) menciona que “a versão em castelhano aparecerá na *Série Linguística Peruana*”¹³, de onde se depreende que a publicação em espanhol já estava em andamento quando do seminário que deu origem à *Série*, ou seja, em 1973. O trabalho de Shell (1975) é republicado em 1985, versão esta que

de 1985. Infelizmente, não conto mais com o *link* desse trabalho, mas ele é levemente diferente da versão atualmente disponível e considerada como a terceira edição, de 2008: <https://www.sil.org/resources/archives/29784>.

⁹ Como consta na tese: “Presented to the Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences of the University of Pennsylvania in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor Philosophy”.

¹⁰ No original, em inglês (Shell 1965, 7): “For instruction in comparative method, and counsel in its application to Pano languages, I am indebted to Professor Hoenigswald”. Na versão em espanhol (Shell 1975, 15): “Por su enseñanza del método comparativo y sus consejos en su aplicación a las lenguas pano, mi gratitud al Profesor Hoenigswald”. Importante aclarar que o nome de nascimento do professor é Heinrich Max Franz Hönigswald (<http://www.nasonline.org/publications/biographical-memoirs/memoir-pdfs/hoenigswald-henry.pdf>).

¹¹ Key (1968) menciona a tese de Shell (1965), mas afirma que não teve acesso ao trabalho.

¹² Ambas as publicações tiveram suas primeiras edições em 1973 e mencionam que foram resultantes de seminário financiado pela *Werner-Green Foundation for Anthropological Research*, provavelmente, sendo resultantes de um único seminário.

¹³ No original: “la versión en castellano aparecerá en *Série Linguística Peruana*”. Há que se registrar que a primeira edição da *Série Linguística Peruana 10*, da qual o artigo de Fields faz parte, foi publicada em 1973.

se encontra disponível *on-line* e é a mais conhecida entre pesquisadores, embora seja comum citá-la pela data da primeira publicação. Em todo caso, é a versão traduzida ao espanhol que irá se consolidar como principal referência nos estudos Pano, como veremos a seguir.

3. A repercussão dos trabalhos de Olive Shell

Ainda que, como mencionado acima, a obra de Shell (1965) tenha sido a principal fonte de consulta das décadas de 1960 e 1970, é o seu trabalho de 1975 que se torna a referência principal entre panoístas e americanistas a partir da década de 1990. No que se segue, apresento um levantamento não exaustivo de pesquisadores que citam Olive Shell, evidenciando que há um predomínio da referência a Shell (1975 ou 1985) e que, quando o seu trabalho de 1965 é referenciado é tratado como se os dois fossem o mesmo.

Em Aguiar (1994, 10), a autora cita em nota de rodapé o título “Las lenguas Pano y su reconstrucción” e data-o como “1985”. Como visto acima, essa é a segunda edição da versão espanhola de Shell (1975). Em Campbell (1997), ambas as obras estão listadas na bibliografia, mas as páginas citadas coincidem com as da versão de 1975 (cf. Campbell 1997: 190). Loos (1999) relaciona os dois trabalhos de Shell e cita-os como equivalentes, datando-os como “1965/1975”, mas em seu caso não há como saber em qual se baseou ou se realmente considerou os dois. Nas dissertações de mestrado de Ferreira (2000) e Spanghero-Ferreira (2000) e na tese de doutorado de Costa (2000) apenas a publicação de Shell (1975) é citada.

Uma das pesquisadoras mais produtivas e mais influentes dos estudos da família Pano, Pilar Valenzuela (2003, 10) considera que “‘Las Lenguas Pano y su Reconstrucción’ de Shell (1965/1975) é a única subclassificação geral de línguas Pano baseada na aplicação sistemática do método comparativo”¹⁴. Embora a autora use as duas datas nesse trecho, há algumas referências que aparecem apenas como “1975” e é possível observar que suas citações são sempre com base nessa obra. Outro autor influente e produtivo que defendeu sua tese de doutorado em 2003 foi David Fleck, quem cita os dois trabalhos de Shell da mesma forma que Valenzuela, com as duas datas separadas por barra, “1965/1975”, e ambas as publicações se encontram em sua bibliografia. Nesse caso, não há como atestar se há uma versão em que

¹⁴ No original: “Shell’s (1965/1975) ‘Las Lenguas Panoan y su Reconstrucción’ is the only general subclassification of Panoan languages based on the systematic application of the comparative method”.

o autor se baseie ou dê preferência¹⁵.

Cândido (2004, 11) e Paula (2004, 40), em suas respectivas teses de doutorado, mencionam apenas Shell (1975); Sousa (2004, 27), por sua vez, em sua dissertação de mestrado, também faz referência apenas a “Shell (1975)”. Lanes (2005:47) faz referência a “Shell (1966)”, mas na página 226, faz referência a “Shell (1975)”, sendo este o único trabalho da autora em sua bibliografia. No mesmo ano, Spanghero-Ferreira (2005) e Ferreira (2005) defendem suas respectivas teses de doutorado, nas quais só mencionam o trabalho de Shell (1975).

Roberto Zariquiey, outro pesquisador influente e com extensa publicação sobre línguas da família Pano considera que “a primeira classificação rigorosa da família foi proposta por Shell (1965, 1975)”¹⁶ (Zariquiey 2015, 38). Em sua tese de doutorado, Zariquiey, (2011, 3) volta a mencionar Shell com a data das duas obras “(1965, 1975)”¹⁷. Voltando a sua publicação sobre Iskonawa, verifica-se flutuação na forma como cita Shell: “Shell (1965, 1975)” (Zariquiey 2015:50), “(Shell [1965] 1975)” (p. 66, 68) e “Shell (1965 [1975])” (p. 67). Entretanto, o autor inclui apenas a publicação de Shell (1965) em sua bibliografia, embora caiba mencionar que o autor deixa claro que considera a publicação de Shell (1975) como simples tradução do trabalho anterior, como se pode ler no seguinte excerto do seu esboço de gramática Iskonawa: “a primeira classificação da família pano baseada em uma aplicação rigorosa do método comparativo viu a luz na década de 1960 graças a tese doutoral de Olivia Shell (1965), que foi publicada em espanhol em 1975” (Zariquiey 2015: 36)¹⁸. Na publicação de sua tese em livro, Zariquiey (2018: 22) explicita mais uma vez o seu ponto de vista de que as duas publicações de Shell são versões de um mesmo trabalho, quando escreve: “Shell (1965 reimpresso em espanhol em 1975)”¹⁹.

Souza (2013) cita apenas “Shell (1985)” no corpo do texto de sua dissertação de mestrado, mas na bibliografia inclui Shell (1975). Couto (2015), por sua vez, refere-se ao mesmo trabalho como “Shell (2008 [1975])”,

¹⁵ Em Fleck (2013) é possível notar referência exclusivamente ao trabalho de 1975, a questão será considerada mais adiante.

¹⁶ No original: “Como se mencionó anteriormente, la primera clasificación rigurosa de la familia pano fue la propuesta por Shell (1965, 1975)”.

¹⁷ Há também menções assim em Zariquiey (2018).

¹⁸ No original: “La primera clasificación de la familia pano basada en una aplicación rigurosa del método comparativo vio la luz en la década de 1960 gracias a la tesis doctoral de Olivia Shell (1965), que fue publicada en español en 1975”.

¹⁹ No original: “Shell (1965 reprinted in Spanish in 1975)”.

ou seja, utiliza a versão em espanhol disponível *on-line*. Valle (2017) cita os dois trabalhos como “(Shell 1965, 1975)”, mas não há informações adicionais que permitam elucidar qual a versão por ele utilizada.

Duas teses que merecem especial atenção são as de Tallman (2018) e Neely (2019), por tratar-se de trabalhos de referência sobre as línguas Chakobo e Yaminawa, respectivamente. No caso de Tallman (2018:15, 16, 34), a referência é sempre “Shell (1965, 1975)” e ambos os trabalhos constam em sua bibliografia. No caso de Neely (2019), não há referências aos trabalhos de Shell no corpo de sua dissertação, mas Shell (1975) consta na bibliografia. Dos trabalhos descritivos cabe ainda mencionar que Angulo (2020: 44, 78, 83) cita apenas o trabalho de Shell (1975).

A classificação de Fleck (2013) é, talvez, a proposta mais citada nos trabalhos recentes sobre a família Pano. Fleck (2013: 22) faz referência aos dois trabalhos como equivalentes, citando-os como “Shell (1965/1975)”, mas, na página 46, o autor faz referência unicamente ao trabalho mais recente, assim citado: “Shell (1975, 25)”.

Oliveira (2014) realizou uma revisão do trabalho de Olive Shell (1975), mas assume que não teve acesso ao trabalho original, citando sempre “Shell (1975[1965])”. Segundo Oliveira (2014: 27) “o trabalho de Shell (op. cit.) foi publicado em inglês, em 1965, e traduzido para o espanhol pela mesma autora, em 1975, como só tivemos acesso a este último trabalho, nos referiremos sempre ao trabalho com esta última data”. Valenzuela e Guillaume (2017) ao escreverem sobre as relações Pano-Takana fazem referência apenas a “Shell (1975)”, embora considerem, em concordância com Oliveira (2014), que “a tese doutoral de Olive Shell, defendida em 1965 e publicada em espanhol em 1975, constitui, sem dúvida, o trabalho mais importante e influente para os estudos histórico-comparativos da família Pano”²⁰.

Como mencionado acima, há uma predominância da publicação de Shell (1975) nas pesquisas realizadas por panoístas nas três últimas décadas. Da mesma maneira, as duas publicações ou são tomadas como reimpressões – ou seja, trabalhos sem modificações substanciais – ou o trabalho de 1975 como sendo tradução de Shell (1965). No que segue, argumento que há diferenças substanciais entre Shell (1965) e Shell (1975), de forma que

²⁰ “La tesis doctoral de Olive Shell, defendida en 1965 y publicada en español en 1975, constituye sin lugar a duda el trabajo más importante e influyente para los estudios históricocomparativos de la familia Pano (Oliveira 2014)”.

devem ser considerados pelo menos como duas versões diferentes, ou melhor, que Shell (1975) é uma versão revisada e ampliada de sua tese doutoral publicada em 1965.

4. As diferenças nos dois trabalhos de Shell²¹

Na presente seção, são apresentadas as diferenças identificadas nos dois trabalhos durante a pesquisa realizada. Importante observar, entretanto, que não se trata de uma análise contrastiva exaustiva das duas versões, de forma que, possivelmente, algumas diferenças podem não ter sido observadas. Dadas as naturezas de algumas diferenças observadas, subdivide-se a análise em diferenças menores e diferenças maiores.

4.1. As diferenças menores

Como é comum a qualquer nova versão de um trabalho anterior, Shell (1975) parece não alterar substancialmente parte das análises propostas em Shell (1965), mas apresenta pequenas diferenças que não levariam a tratar as duas obras como distintas. Algumas dessas diferenças poderiam ser consideradas como decisões editoriais ou ainda correções tipográficas. No entanto, há ainda entre as diferenças menores, algumas que se caracterizam como mudanças da análise anterior, mas que não afetam aspectos gerais da sua proposta reconstrutiva.

²¹ Para que o leitor possa acompanhar a leitura das citações de Shell (1965) e de Shell (1975) é importante ter em mente as seguintes abreviaturas para os nomes das línguas: Amahuaca (A), Atsahuaca (At), Arazaire (Az), Chacobo (Ch), Cashinahua (Cn), Capanahua (Cp), Cashibo (Csh), Culino (Cul), Isconahua (Is), Karipuná (k), Marinahua (M), Marobo (Mar), Mayoruna (May), Nok (Nokamán), Pakaguara (P), Poyanáwa (Poy), Shipibo-Conibo (SC), Tuxinawa (Tut), Wariapano (War), Yamiaka (Yam) e Yaminahua (Yn). Importante ainda lembrar que muitas dessas línguas hoje são grafadas com <k> no lugar do <c> para uma oclusiva velar e com <w> no lugar de <hu> o <u> para uma aproximante bilabial assilábica. Na tradição brasileira, usa-se ainda o acento na sílaba tônica da etnônimo. Há etnônimos que foram modificados ou substituídos ao longo do tempo, casos de Marubo no lugar de Marobo, Matsés no lugar de Mayoruna e Kakataibo no lugar de Cashibo. Por fim, há casos em que as abreviaturas são seguidas de números ou letras para indicar listas de diversas fontes para uma mesma língua, como é o caso de May-C (Mayoruna Civilisé), May-S (Mayoruna Sauvage), May-M (Mayoruna from Martius) e May-H (Mayoruna from Hawkins); P₁ (Pakaguara from d'Orbigny), P₂ (Pakaguara from Heath) e P₃ (Pakaguara from Armentia); W₁ (Wariapano from Navarro), W₂ (Wariapano from Tessman) e W₃ (Wariapano (Pano) from Shell); e, finalmente, Y₁ (investigator unknown) e Y₂ (Yamiaka from Nordenskiöld).

4.2.O léxico reconstruído:

Ao observar o léxico reconstruído, apresentado em seu capítulo 6, há poucas diferenças nas reconstruções, que podem ser consideradas erros tipográficos que foram retificados na versão de 1975, como se pode ver no Quadro I.

Quadro I – Diferenças não sistemáticas nas reconstruções lexicais				
	Shell (1965)		Shell (1975)	
44	*aβá	‘to run’	*aβa	‘correr’
212	*māka[n/mV]	‘rock, stone’	*maka[n/mV]	‘piedra para moler’
227	*maşaş[V]	‘stone’	*maşaş V	‘piedra’
362	*riβoki	‘upstream’	* riβoko	‘águas arriba’
371	*risi[sti]	‘thread, hammock’	*risis[t]i	‘hamaca, hilo’

Há, por outro lado, um conjunto de quatro dados que incidem sistematicamente na proposta de reconstrução de *i ou *i, o que pode ser interpretado como uma reformulação mais sistemática. Em todo caso, considerou-se como uma mudança menor, que não afeta as propostas de Shell (1965).

Quadro II – Diferenças que incidem sobre *i ou *i				
	Shell (1965)		Shell (1975)	
49	*ani	‘name, to name’	*ani	‘nombre, nombrar’
155	*k ^w ini	‘barga, bigote’	*k ^w ini	‘beard, moustache’
188	*koβĩ	‘to boil’	*koβĩ	‘hervir’
269	*niʔa	‘to tie, fasten, bind together’	*niʔa	‘atar, sujetar, amarrar, juntar uma cosa con outra’

4.1.2 Os mapas

Em Shell (1965, 20), há a reprodução do mapa de Mason contido no *Handbook of South American Indians*, no entanto, esse mapa não consta na publicação de Shell (1975). Obviamente, a retirada do mapa leva a reformulação do texto, como se pode observar ao comparar os dois trechos que mencionam o referido mapa em uma publicação e em outra:

The areas indicated as “Panoan (S. Perú and Bolivia)” in the map of Tribal [after Julian H. Steward] and Linguistic [after J. Alden Mason] Distributions of South America²² have been reproduced here in Map I. On the map have been superimposed arrows pointing to the tribal area of each of the three geographic groups: Central, Southwest, Southeast. Areas where Pano languages are spoken are marked by small dots close together. Map I gives an idea of the location of the speakers of Pano languages. (Shell, 1965, 19-21)

El mapa “Tribal and Linguistic Distributions of South America” – distribución tribal según Julian H. Steward y distribución lingüística según J. Alden Mason – da una idea de la ubicación de los hablantes de varias lenguas pano.

De forma semelhante, apenas em Shell (1965, 25) consta um mapa intitulado “Mapa II – Mapa esquemático das Áreas das Línguas Pano Central”²³. Nesse caso, não há modificação no texto para a inserção ou exclusão do mapa. No entanto, em ambos os casos, pode-se considerar como decisões editoriais e, portanto, menores.

4.1.3. Outras diferenças menores

Há, como é de se esperar, outras diferenças menores, algumas das quais parecem, inclusive erros na produção da segunda versão. Como exemplo pode ser citado o trecho “el número I ó II después de una palabra amahuaca indica su clase de acuerdo al tono. (Veáse sección 3.4.)”, ao final da seção 1.1. de Shell (1975, 15), que parece estar completamente fora de lugar e que não consta no trabalho de Shell (1965). Abaixo está reproduzido outro exemplo que parece erro na versão de Shell (1975, 40) quando comparado com a versão de Shell (1965, 47):

²² “In the cover folder of the Handbook, v. 6, see bibliography, Mason. For Map I, arrows have been superimposed, and also numbers to identify the main rivers”. (Shell, 1965, 19)

²³ No original: “Map II – Schematic map of Central Panoan Language Areas”.

En el A, /ʔ/ ocurre en la /hona mapo taʔ ki/ ‘es la cabeza de un cerdo salvaje’, /hona mapoma ta ki/ ‘no es la cabeza de un cerdo salvaje’. Para el radical trissilábico /rakati/ ‘echarse’, los siguientes son buenos ejemplos: /pɪrakaʔti/ ‘echarse boca arriba (de espaldas)’, /porakaʔti/ ‘echarse sobre los codos’, /poʔrakati/ ‘echarse boca arriba (de estómago)’.

posición C₁ como inicial de palabra, pero no se encuentra en la posición inicial de frase por lo tanto no aparece como fonema inicial en el A en los grupos de palabras cognadas. (Shell 1975, 40-41, grifos nossos)

In A, ʔ does not fill the C1 position phrase initial – and therefore does not appear initial in A in the cognate sets – but occurs elsewhere freely in word initial C1 position. (Shell 1965, 47)

Ainda sobre diferenças menores, pode ser mencionado que Shell (1975) inseriu títulos em todos os capítulos do seu trabalho, o que era tratado, inclusive em suas autorreferências como parágrafos (§) e apenas numerados em Shell (1965). Outra observação nesse sentido é que a bibliografia e o índice geral do trabalho constam no início em Shell (1965) e ao final em Shell (1975). Há outras pequenas mudanças como referências cruzadas, inserção de pequenas informações, diferenças analíticas na descrição das fonologias²⁴ ou outros detalhes que não serão explorados aqui.

4.2. As diferenças maiores:

Nesta seção, considero as diferenças observadas que têm implicação para os aspectos reconstitutivos ou para questões analíticas de sua proposta. Em minha visão, estas diferenças vêm sendo desconsideradas nos debates sobre a família Pano, mas deveriam receber maior atenção, pois incidem sobre aspectos que são importantes para a hipótese reconstitutiva de Shell (1965) e, principalmente, de Shell (1975).

²⁴ Compare, por exemplo os dois trechos seguintes em que as distribuições dos fonemas são descritas de formas opostas:

“El fonema /ϕ/ del M es una fricativa bilabial sorda que tiene dos alófonos; la forma [ϕ] ocurre antes de /a, ă, i, ĩ/, y la forma labializada [ϕʷ] ocurre antes de /i, ĩ, o, ô/”. (Shell 1975, 38).

“M phoneme ϕ is a voiceless bilabial fricative, of which allophone [ϕ] occurs before i, ĩ, o, ô, and labialized allophone [ϕʷ] occurs before a, ă, i, ĩ”. (Shell 1965, 44)

4.2.2. O Mayoruna de Fields

A primeira questão a chamar atenção ao cotejar os dois trabalhos é que Shell não considerou exatamente os mesmos dados nos dois trabalhos. De fato, em Shell (1975, 13), ainda em seus agradecimentos, a autora diz que

fico agradecida a Cecil Hawkins por uma lista preliminar de termos mayoruna obtida de uma mulher mestiça que viveu alguns anos na comunidade mayoruna. Também agradeço a Harriet Fields quem revisou a lista mencionada e adicionou bastantes termos obtidos em seus estudos recentes²⁵

De fato, esse agradecimento a Hawkins não aparece na versão de Shell (1965)²⁶, mas os dados fornecidos por ela constam no trabalho de Shell (1965). O que realmente chama a atenção são os 136 dados lexicais de Fields inseridos apenas no trabalho de Shell (1975), enquanto no trabalho de Shell (1965), ela insere apenas 6 dados lexicais de Hawkins, que constam também no trabalho de Shell (1975). Dessa forma, ao registrar sua “lista de línguas cujos dados foram obtidos”, Shell (1975, 14) consta um May-H (Mayoruna de Hawkins) e um May-F (Mayoruna de Fields). Este último não consta no trabalho de Shell (1965, 6).

Ao tratar do Mayoruna em seu capítulo 1.2.2.2, Shell (1975, 33) acrescenta um trecho inexistente em seu trabalho anterior (Shell 1965, 37) em que menciona a origem dos dados novos inseridos no trabalho. Fica claro que os dados foram obtidos após a conclusão da sua tese:

Em 1969 foi feito um contato pacífico por intermédio de Harriet Fields e Hattie Kneeland. Elas haviam aprendido previamente algo do idioma, servindo-se de alguns informantes que haviam escapado do grupo. Elas foram aceitas pacificamente dentro da comunidade. As palavras dos grupos cognatos indicadas como May-F foram obtidas de Fields e do seu informante, Tomí²⁷.

²⁵ No original: “Quedo agradecida a Cecil Hawkins por una lista preliminar de términos mayoruna obtenida de una mujer mestiza que vivió algunos años en la comunidad mayoruna. También agradezco a Harriet Fields quien revisó la lista mencionada y añadió bastantes términos obtenidos en sus estudios recientes”.

²⁶ De fato, há uma menção a uma lista de 62 palavras de Hawkins em Shell (1975, 33) que corresponde a menção em Shell (1965, 37).

²⁷ No original: “En 1969 se hizo un contacto pacífico por intermedio de Harriet Fields y Hattie Kneeland. Ellas habían previamente aprendido algo del idioma sirviéndose de algunos informantes que se habían escapado del grupo. Ellas fueron aceptadas pacificamente dentro de la comunidad. Las palabras de los grupos cognados indicadas como May-F se obtuvieron de Fields y de su informante, Tomí.”

Ao observar os dados (cf. Apêndice I), entretanto, nota-se que os termos de May-F foram inseridos na nova versão, mas não foram considerados nas análises de Shell (1975). Por sua vez, o padrão acentual do May-H não é compatível com o que se sabe das línguas do ramo Norte e, muito menos, com o Matsés (Mayoruna) descrito em Fleck (2003). Esse padrão acentual divergente de May-H pode ser explicado pelo fato de os dados terem sido obtidos “de uma mulher quem em sua adolescência havia sido levada para viver com alguns silvícolas quem, cremos, eram do mesmo grupo, e viveu com eles pelo espaço de quatro ou cinco anos”²⁸ (Shell 1975, 33). Portanto, Shell inseriu dados de uma falante de outra língua que teria vivido entre os Mayoruna por quatro ou cinco anos, o que explica a divergência no padrão acentual com relação ao que se sabe hoje²⁹.

Os dados de May-F – apesar de algumas divergências com relação às descrições disponíveis – são compatíveis com os dados de Matsés. No entanto, esses dados não são considerados nas análises de Shell (1975, 110), de forma que a autora conclui, por exemplo, que “nela [na língua Mayoruna] também ocorre a perda da sílaba final nas palavras trissílabas primitivas”³⁰. É fácil observar que os dados de May-F evidenciam a retenção de uma consoante final, seja uma oclusiva oral como em 3, 8, 99, 109, 314, 352, 399 seja uma nasal como em 9, 14, 55, 79, 108, 145, 152, 225, 407, 419, 476³¹. Ainda que se adote a reconstrução de Shell (1965 e 1975) de trissílabos³²,

²⁸ No original: “Hawkins obtuvo una lista de 62 palabras de una mujer quien en su adolescencia había sido llevada a vivir con algunos selvícolas quienes, creemos, eran del mismo grupo, y vivió con ellos por espacio de cuatro o cinco años”.

²⁹ Dados de cativos e falantes de segunda língua ou até mesmo de falantes nativos que se afastaram de suas comunidades de origem por períodos muito longos e não estão mais em contato com outros falantes da sua L1 ou se encontram em comunidades de outros povos deveriam ser tomados com muita precaução em trabalhos comparativos e evitados sempre que houver dados mais confiáveis.

³⁰ Curiosamente, nesta mesma década, Loos (1978c, 276) também utiliza dados de Harriet Fields e de Harriet Kneeland, mas que são apresentados sem consoantes final (*kapi-n* e *awa*). O autor conclui que “quanto mais distante o grupo do foco conservador, mais radicais as mudanças, até erradicar no mayoruna todo vestígio da terceira sílaba final do proto-pano”. No original (Loos, 1978c, 277): “cuanto más distante el grupo del foco conservador, más radicales los cambios de la forma básica, hasta erradicar en el mayoruna todo vestigio de la tercera sílaba original del proto-pano”.

³¹ Os números citados nesse trecho referem-se às numerações dos jogos cognatos de Shell (1975).

³² Shell (1965) e Shell (1975) reconstrói palavras trissilábicas sempre que Chakobo apresenta uma sílaba a mais que as demais línguas e Shipibo-Konibo, Kapanawa e Kashibo apresentam proeminência acentual na sílaba mais a direita, considerando que

nesses casos, a interpretação mais correta seria apenas de perda da vogal e retenção da consoante³³.

4.2.3. O traço gramatical da referência transitiva

O capítulo 4 de Shell é, sem sombra de dúvidas, o que mais apresenta diferenças entre as duas versões de seu trabalho. Como trata de um aspecto importante da reconstrução e de forte interesse para os panoístas, o capítulo será analisado em detalhe. É importante observar que a versão de Shell (1975) traz tanto inserções como supressões importantes, todas serão consideradas aqui.

Antes de se tratar das diferenças entre as duas obras de Shell, é importante mencionar brevemente o que é entendido como “traço gramatical de referência transitiva”, terminologia bastante comum nos trabalhos do SIL à época da publicação dos trabalhos de Shell (1965 e 1975). Essa terminologia foi utilizada para referir-se à marca morfológica do Agente (A), podendo ser interpretada na terminologia corrente como marca de Ergatividade. Não obstante, cabe mencionar que, em muitas línguas da família Páno, a mesma marca pode também marcar funções sintáticas diversas como instrumental, locativo e genitivo, ainda que outros morfemas possam ocorrer nessas funções nas diversas línguas da família.

Voltando a análise dos trabalhos de Shell, no terceiro parágrafo do capítulo³⁴, há uma inserção em que Shell (1975, 99) considera que uma mesma forma é utilizada tanto para reconstruir formas de citação, que no caso seriam trissilábicas, quanto para reconstruir um morfema, em suas palavras: “As formas RT nas línguas filhas dos nomes derivados de nomes

todas as línguas da família perderam essa sílaba final e apenas Chakobo a manteve. Oliveira (2014), partindo do pressuposto de que essas palavras apresentam formas longas e curtas em todas as línguas da família, inclusive em Chakobo, reconstrói consoantes finais nesse contexto e considera que as formas trissilábicas em Chakobo seriam resultado de formas longas, ou seja, que em etapas anteriores da língua teriam sido morfologicamente complexas.

³³ Há ainda casos de fricativas finais como em 19, 32, 91, mas esse é o reflexo para as demais línguas estudadas por Shell (1975) a exceção de Chákobo, para o qual a autora considera apenas formas longas e não formas curtas que são iguais as demais línguas neste aspecto.

³⁴ Toma-se como referência o trabalho de Shell (1975) para fazer referência aos parágrafos, mas busca-se situar também o de Shell (1965) em notas de rodapé. Nesse caso, o início do parágrafo corresponde em Shell (1965), mas ele é dividido em parágrafos menores em Shell (1975).

PR de duas ou três sílabas são significantes tanto na reconstrução das formas de citação dos nomes PR como na reconstrução do morfema sufixal RT”³⁵. Esse trecho não se encontra em Shell (1965, 127).

No parágrafo seguinte³⁶, Shell (1975, 99-100) apresenta uma das maiores inovações do seu trabalho com relação a sua proposta reconstitutiva. A autora apresenta a reconstrução de um morfema *-ma ou *-mã como marca de transitividade, algo que não é reconstruído em Shell (1965), embora seja sugerido um alomorfe, como veremos adiante. Há que se notar, em todo caso, que essa reconstrução não conta com nenhum jogo cognato que lhe dê suporte. Para entender o trecho, ele está reproduzido na sequência com a parte que não consta em Shell (1965, 127) em negrito:

estes morfemas cognatos assinalam tom alto ou acento forte e nasalização da vogal final como o morfema RT para os nomes dissílabos, com a perda da nasalização da vogal no desenvolvimento do Ch, e **perda do tom alto ou acento forte no desenvolvimento do Cn e A. Por outro lado, talvez haja um caso mais convincente para reconstruir *-ma ou *-mã como o morfema sufixal RT como se verá depois de considerar outros morfemas RT nas línguas filhas**³⁷. Uma vez que se postulou *-ma/-mã, a nasalização da vogal nos alomorfemas RT nas línguas filhas poderia ser uma verificação da postulação, já que quando se perde uma sílaba nasal-mais-vogal, a nasal é substituída regularmente pela nasalização da vogal precedente (ver seção 3.1.4.)

Apesar de muitos autores aceitarem a proposta de Shell (1975), a reconstrução de um morfema *-ma ou *-mã não parece ser reproduzida em trabalhos posteriores. Loos (1978c), por exemplo, considera um morfema *-n. Para justificar seu morfema, Shell (1975, 100-101) insere ainda mais informações nos parágrafos seguintes, reproduzidos abaixo

Os nomes desenvolvidos dos nomes PR trissílabos contêm duas sílabas na forma de citação no SC, Cp, Csh, Cn, A (ver perda das vogais finais, Seção 3.2.1.) no M, se conserva uma terceira sílaba PR final se está composta de *s, *ʃ, o *ʃ mais vogal, no Ch se conservam todas as três sílabas dos nomes PR. Em realidade, as formas trissílabas PR foram

³⁵ Em Shell (1975) PR significa Pano Reconstruído e RT significa Referência Transitiva, essas abreviaturas serão também adotadas nas traduções ao português neste artigo. Na versão em inglês as abreviaturas são respectivamente RP e TR.

³⁶ Em Shell (1965), faria parte do mesmo terceiro parágrafo.

³⁷ “Sarah Gudschinsky me sugeriu a possibilidade de um morfema sufixal RT para o PR, e de palavras trissílabas e quadrisílabas resultantes deste”. No original: “Sarah Gudschinsky me sugirió la posibilidad de un morfema sufijal RT parte l PR, y de palabras RT trissílabas y cuatrisílabas resultantes de éste”. (Shell 1975, 100)

reconstruídas especialmente do Ch e M, com evidência verificativa das línguas P e K do sul-oriental, e ainda mais das línguas Az, At e do pano sul-occidental³⁸. Embora o Ch se encontre na região sul-oriental, os reflexos em Az, At e Y mostram padrões de desenvolvimento que se assemelham mais aos de Ch que aos do P e K³⁹:

³⁸ “No P da área do Pano Sul-Oriental, as palavras que predominam são as trissílabas, mas há uniformidade na sílaba final. É quase sempre /-na/ ou /-nã/, por exemplo o jogo 239, P1 [muitisnã] ‘unha’ jogo 255, P1 [makašna] ‘cupim’, jogo 499, P1 [yavisna] ‘tatu’, jogo 476, P1 [huašmonã] ‘algodão’, jogo 489, P1 [huiština], P3 [uistine] ‘estrela’, jogo 491, P1 [yahanãl] ‘carrapato’, jogo 348, P1 [poyana], P2 [poyánu] ‘braço’, jogo 50, P1 [asinã] ‘mutum’, jogo 164, P1 [kakana] ‘abacaxi, ananás’. Geralmente /-na/ é precedido de /x/ quando a terceira sílaba PR era vogal precedida de uma consoante diferente de *s, *ʃ, *ʂ ou nasal, por exemplo, o jogo 16, P1 [isaxna] ‘pássaro’, jogo 149, P1 [kehuixna] ‘boca’, jogo 171, P1 [kapuixnã] ‘lagarto’. Na língua K nos poucos exemplos de jogos cognatos predomina /-na/, por exemplo, jogo 8, K [auána], [auha] ‘anta’, jogo 168; K [kananna] ‘relâmpago, raio’, jogo 402, K [sauánã] ‘arara’, jogo 444, K [tapóna] ‘raiz’. Há também derivados bissílabos de palavras PR trissílabas, por exemplo, jogo 165, K [kāmánl] ‘onça’, jogo 348, K [punya] ‘braço’, jogo 489, K [uistinl] ‘estrela’”.

No original (Shell, 1975):

“En el P del área del Pano Sur-Oriental, las palabras que predominan son las trisílabas, pero hay uniformidad en la sílaba final. Es casi siempre /-na/ o /-nã/, por ejemplo, el juego 239, P1 [muitisnã] ‘uña’ juego 255, P1 [makašna] ‘comején’, juego 499, P1 [yavisna] ‘armadillo’, juego 476, P1 [huašmonã] ‘algodón’, juego 489, P1 [huiština], P3 [uistine] ‘estrella’, juego 491, P1 [yahanãl] ‘garrapata’, juego 348, P1 [poyana], P2 [poyánu] ‘brazo’, juego 50, P1 [asinã] ‘pavo silvestre’, juego 164, P1 [kakana] ‘piña, ananá’. Generalmente /-na/ es precedida de /x/ cuando la tercera sílaba PR era vocal precedida de una consonante diferente a *s, *ʃ, *ʂ o nasal, por ejemplo, el juego 16, P1 [isaxna] ‘pájaro’, juego 149, P1 · [kehuixnaJ] ‘boca’, juego 171, P1 [kapuixnã] ‘lagarto’. En la lengua K en los pocos ejemplos de juegos cognados predomina /-na/, por ejemplo, juego 8, K [auána], [auha] ‘tapir’, juego 168; K [kananna] ‘relâmpago, rayo’, juego 402, K [sauánã] ‘guacamayo’, juego 444, K [tapóna] ‘raiz’. Hay también derivados bisílabos de palabras PR trisílabas, por ejemplo, juego 165, K [kāmánl] ‘jaguar’, juego 348, K [punya] ‘brazo’, juego 489, K [uistini] ‘estrella’. Los derivados en el P y K señalan palabras PR trisílabas; y nivelación análoga sin la pérdida de la sílaba final – el patrón PR se conserva, con el cambio de los fonemas constituyentes – con tendencia hacia las formas reducidas para la citación en K”.

³⁹ De fato, este parágrafo consta na versão de Shell (1965, 131-132), mas com pequenas alterações. A versão em inglês será apresentada mais adiante, abaixo apresenta-se a versão original em espanhol:

“Los nombres desarrollados de los nombres PR trisílabos contienen dos sílabas en la forma de citación en el SC, Cp, Csh, Cn, A (ver pérdida de las vocales finales, Sección 3.2.1.); en el M, se conserva una tercera sílaba PR final si está compuesta de *s, *ʃ, o *ʂ más vocal; en el Ch se conservan todas las tres sílabas de los nombres PR. En realidad, las formas trisílabas PR fueron reconstruidas especialmente del Ch y M, con evidencia verificativa de las lenguas P y K del sur-oriental, y aún más de las lenguas Az, At y Y del pano sur-occidental. Aunque el Ch se halla en la región sur-oriental, los reflejos en el Az, At y Y muestran patrones de desarrollo que se asemejan más a los del Ch que a los del P y K:

juego 239, Ch /mítsisi/, At [máusási] ‘uña del dedo de la mano’, juego 8, Ch /ʔáwara/, At

jogo 239, Ch /mítsisi/, At [máusási] ‘unha do dedo da mão’, juego 8, Ch /ʔáwara/, At [ahuara] ‘tapir’,

jogo 149, Ch /kiβítʃi/, Az [kipuatʃi], At [kihuátčɪ] ‘labios’, [kiwuátčɪ], Y2 [kiwuátčɪ] ‘boca’, [kihuátčɪ] ‘lábios’,

jogo 102, Ch [boíčo], At [wũitčo], Y2 [wũitčo] ‘cera de abelha’,

jogo 164, Ch /kákama/, At [ká kámá], ‘abacaxi, ananás’,

jogo 50, Ch /hasíni/, At [ástani], Y2 [ástani], ‘mutum’,

jogo 489, Ch /wištima/, Az [huistima], At [húistima], Y2 [huistima] ‘estrela’.

No entanto, há exceções; algumas diferenças poderiam ser apenas ortográficas, ex.:

jogo 240, Ch /mikíni/, C2 [mäkina], Az [mackena], At [makáni] ‘mão’,

jogo 348, Ch /poyámi/, At [puyami] ‘braço’,

jogo 476, Ch /wašmíni./, C2 [huašmime], At [wuašmama], Y2 [wuašmama] ‘algodão’.

A nota de rodapé reproduzida aqui como 35 é especialmente esclarecedora, pois evidencia o uso de formas aparentemente não analisadas morfológicamente na reconstrução. Na sequência desse trecho, a autora segue apresentando o que considera vários “alomorfemas”⁴⁰ devido a uma origem em formas trissílabas. Após apresentar os reflexos em sílabas finais constituídas de “*s, *ʃ, ou *ʒ mais vogal” e observar a ocorrência de /-mã/, nesse contexto, em algumas palavras da língua Marinawa, a autora então afirma em Shell (1975, 101-102):

A ocorrência de /-mã/ aqui é uma evidência convincente para postular um sufixo RT *-mã de tipo geral para o PR e uma palavra quadrissílaba

[ahuara] ‘tapir’,

juego 149, Ch /kiβítʃi/, Az [kipuatʃi], At [kihuátčɪ] ‘labios’, [kiwuátčɪ], Y2 [kiwuátčɪ] ‘boca’, [kihuátčɪ] ‘labios’,

juego 102, Ch [boíčo], At [wũitčo], Y2 [wũitčo] ‘cera de abeja’,

juego 164, Ch /kákama/, At [ká kámá], ‘piña, ananá’,

juego 50, Ch /hasíni/, At [ástani], Y2 [ástani], ‘pavo silvestre’,

juego 489, Ch /wištima/, Az [huistima], At [húistima], Y2 [huistima] ‘estrella’.

Sin embargo, hay excepciones; algunas diferencias podrían ser sólo ortográficas, ej.:

juego 240, Ch /mikíni/, C2 [mäkina], Az [mackena], At [makáni] ‘mano’,

juego 348, Ch /poyámi/, At [puyami] ‘brazo’,

juego 476, Ch /wašmíni./, C2 [huašmime], At [wuašmama], Y2 [wuašmama] ‘algodón’.

⁴⁰ O termo “allomorph” é traduzido como “alomorfema” na versão de Shell (1975). Apesar de não haver tal termo em Língua Portuguesa, opta-se por mantê-lo na tradução aqui apresentada.

para a forma RT dos nomes trissílabos PR. A presença da nasalização da vogal final na forma RT curta do M, e da vogal do morfema RT em SC, CP, Cn poderia outra vez indicar que se perdeu uma sílaba nasal-mais-vogal (ex. *-mã) e a nasal foi substituída pela nasalização da vogal precedente.⁴¹

A mesma discussão é feita para os nomes que, em sua hipótese, são derivados de trissílabos terminados em consoante nasal mais vogal. Da mesma forma como no caso anterior, Shell (1975, 102) observa um predomínio de *-mã*, acrescentando o seguinte parágrafo na sua versão em espanhol:

Existe aqui predomínio de /-mã/. Se é postulado *-mã como o morfema RT geral, resultando como mencionado na subseção (i), em uma palavra RT quadrissílaba, o desenvolvimento nas diferentes línguas poderia ser como segue: em Ch, o morfema *-mã RT se perdeu, sendo aceita a palavra trissílaba como forma de citação e de RT. Em SC, Cp, Csh, Cn, A, M a palavra RT PR quadrissílaba bimorfêmica se encurtou a trissílaba devido à perda da terceira ou quarta sílaba PR, também houve nivelamento analógico, resultando nos alomorfemas sufixos RT já citados.⁴²

Há ainda um parágrafo que é paralelo nas duas versões sobre “nomes derivados das palavras PR trissílabas cuja sílaba final continha consoante que não fosse **s*, **ʃ*, **ʂ* nem nasal”. A partir daí, podemos dizer que estamos diante de dois textos, embora haja sobreposições parciais. Para se ter uma ideia, basta mencionar que a versão em inglês conta com mais cinco parágrafos longos enquanto a versão em espanhol conta com apenas dois. Abaixo, reproduz-se os dois parágrafos da versão em espanhol (Shell 1975, 103-104).

⁴¹ No original: “La ocurrencia de /-mã/ aquí es una evidencia convincente para postular un sufijo RT *-mã de tipo general para el PR y una palabra cuatrisílaba para la forma RT de los nombres trisílabos PR. La presencia de la nasalización de la vocal final en la forma RT corta del M, y de la vocal del morfema RT en el SC, Cp, Csh, Cn podría otra vez indicar que se ha perdido una sílaba nasal-más-vocal (ej.: *-mã) y la nasal ha sido remplazada por la nasalización de la vocal precedente”.

⁴² No original: “Existe aquí predomínio de /-mã/. Si se postula *-mã como el morfema RT general, resultando como mencionado en la subsección (i), en una palabra RT cuatrisílaba, el desarrollo en las diferentes lenguas podría ser como sigue: en el Ch, el morfema *-mã RT se perdió, siendo aceptada la palabra trisílaba como forma de citação y de RT. En el SC, Cp, Csh, Cn, A, M la palabra RT PR cuatrisílaba bimorfêmica se acortó a trisílaba debido a la pérdida de la tercera o cuarta sílaba PR; también hubo nivelación analógica, resultando en los alomorfemas sufijos RT ya citados”.

A diversidade dos alomorfemas RT nas línguas filhas é uma evidência de que estes não se derivaram de um só morfema originário. A presença de /*-mã/ em Cn e M apoia a postulação *-mã como o morfema RT do PR. As mudanças ocorridas então seriam como segue: em SC, Cp, Csh, Cn, A e M a palavra RT quadrissílaba do PR se encurtou a três sílabas pela perda da quarta sílaba, exceto em certas situações em Cn e M. A terceira sílaba também se perdeu para a forma de citação, mas se conservou, com algumas mudanças analógicas, como o morfema RT nas formas das palavras RT. Nas situações do Cn e M onde se conserva o morfema RT *-mã, se perdeu a terceira sílaba PR.

Outros detalhes do Ch e do SC ajudam a discernir as etapas do desenvolvimento com relação à perda das sílabas PR finais. De acordo com Prost⁴³, em Ch o nome sujeito trissílabo de um verbo transitivo está marcado pela retenção da sílaba final da forma de citação; o objeto por sua subtração. Ex.: /ʔawara piki/ ‘a anta (o) comeu’, /ʔawa piki/ ‘ele comeu a anta’, /kaka ʔawini raaki/ ‘a esposa mandou a cesta (/kaka/ < /kákano/ ‘canasta’, jogo 163)’. O sujeito intransitivo como o objeto se compõe da forma reduzida dissílaba exceto no aspecto incompletivo onde o sujeito intransitivo deve seguir ao verbo, nesse caso tem a mesma forma trissílabo do sujeito transitivo, ex. /ʔoʔaki kapiti/ ‘o lagarto dorme’. EM SC, no jogo 8, *ʔawara > /ʔawá/ ‘anta’ na forma de citação, a forma RT é /ʔawakã/. Há outra forma em SC em /ʔawarã piti/ ‘comida de anta’, que é o nome de uma planta; ‘comida de anta’, de outra maneira, é /ʔawakã piti/. Parece que /ʔawarã/ é uma forma SC mais antiga que se fossilizou em um modismo que significa ‘comida de anta’. A forma fossilizada proporciona evidencia para postular uma etapa intermediária no desenvolvimento do SC, e especulativamente do Cp, Csh, Cn, A onde a perda da quarta sílaba PR estava acompanhada da aceitação da palavra trissílabo tanto de citação como da forma RT. (Em Ch se perdeu toda a nasalização). Logo houve outro encurtamento, a duas sílabas, para a forma de citação e de objeto a exceção do Ch e no caso da fricativa acanalada do M; os alomorfemas sufixos RT surgiram e sua forma foi influenciada pela forma da terceira sílaba PR, e ajudada também por algumas mudanças analógicas.⁴⁴

⁴³ Ver Prost, 1962, Sección 3.2., pág. 112.

⁴⁴ No original: “La diversidad de los alomorfemas RT en las lenguas hijas es una evidencia de que éstos no se han derivado de un solo morfema originario. La presencia de /-mã/ en el Cn y M apoya la postulación *-mã como el morfema RT del PR. Los cambios ocurridos entonces serían como sigue: En el SC, Cp, Csh, Cn, A y M la palabra RT cuatrissílaba del PR se acortó a tres sílabas por la pérdida de la cuarta sílaba, excepto en ciertas situaciones en el Cn y M. La tercera sílaba también se perdió para la forma de citación, pero se conservó, con algunos cambios analógicos, como el morfema RT en las formas de las palabras RT. En las situaciones del Cn y M donde se conserva el morfema RT *-mã, se ha perdido la tercera sílaba PR”.

Trata-se verdadeiramente de uma análise muito distinta da apresentada em Shell (1965). Se em seu segundo trabalho, a autora enfatiza que há evidência para a reconstrução de um morfema **-mã*, este mesmo morfema é apenas mencionado, ao lado da nasalização vocálica, como um possível alomorfe do morfema RT, em Shell (1965, 134). Em outro trecho, a autora sugere que a forma da Referência Transitiva (TR, em inglês) em Pano Reconstruído (PR) seria igual a forma trissilábica de Chákobo.

No primeiro dos parágrafos citados abaixo, é possível ver a importância dada pela autora à “forma de citação” em sua construção de conjuntos cognatos. De fato, formas de citação servem mais ao linguista ou ao lexicógrafo do que ao falante e não há por que considerá-las como mais básicas do que outras formas, podendo as formas de citação serem formas flexionadas. Ademais, não há uma única definição do que seja “forma de citação” como se tem tratado no interior dos estudos Pano. Se tomássemos como forma de citação a palavra que pode ocorrer isoladamente ou como resposta a “O que é isso” (cf. Loos, 1999, 240), línguas como Matis e Matsés em que tanto formas absolutivas (sem marcação morfológica) quanto formas flexionadas podem ocorrer como resposta isoladamente (Fleck, 2003, 992; Ferreira, 185) teriam duas formas de citação. Em um estudo comparativo, mais do que tomar formas de citação como cognatas, a autora deveria ter considerado a alternância entre formas longas e curtas existente em todas as

“Otros detalles del Ch y del SC ayudan a discernir las etapas de desarrollo con relación a la pérdida de las sílabas PR finales. De acuerdo con Prost, en el Ch el nombre sujeto trisílabo de un verbo transitivo está marcado por la retención de la sílaba final de la forma de citación; el objeto por su sustracción. Ej.: /ʔawara piki/ ‘el tapir (lo) comió’, /ʔawa piki/ ‘él comió el tapir’, /kaka ʔawini raaki/ ‘la esposa mandó la canasta (/kaka/ < /kákano/ ‘canasta’, juego 163). El sujeto intransitivo como el objeto se compone de la forma reducida bisílaba excepto en el aspecto incompletivo donde el sujeto intransitivo debe seguir al verbo; en ese caso tiene la misma forma trisílaba como el sujeto transitivo, ej.: /ʔosaki kapiti/ ‘el lagarto duerme’. En el SC, en el juego 8, *ʔawara > /ʔawá/ ‘tapir’ en la forma de citación; la forma RT es /ʔawakã/. Hay otra forma en el SC en /ʔawarã piti/ ‘comida de tapir’, que es el nombre de una planta; ‘comida de tapir’, de otra manera, es /ʔawakã piti/. Parece que /ʔawarã/ es una forma SC más antigua que se ha fosilizado en un modismo que significa “comida de tapir”. La forma fosilizada proporciona evidencia para postular una etapa intermedia en el desarrollo del SC, y especulativamente del Cp, Csh, Cn, A en donde la pérdida de la cuarta sílaba PR estaba acompañada de la aceptación de la palabra trisílaba tanto de citación como de forma RT. (En el Ch se perdió toda la nasalización.) Luego hubo otro acortamiento, a dos sílabas, para la forma de citación y de objeto a excepción del Ch y en el caso de la fricativa acanalada del M; los alomorfemas sufijos RT surgieron y su forma fue influenciada por la forma de la tercera sílaba PR, y ayudada también por algunos cambios analógicos”.

línguas da família e considerar as formas curtas como cognatas entre si e as formas longas como formas cognatas sempre que a evidência comparativa permitir, podendo haver terminações distintas entre as formas em diferentes línguas, o que sugere que a terminação é resultante da combinação de uma palavra com um sufixo distinto de língua a língua, nesses casos.

Na sequência, reproduzo todo o final do capítulo 4 (Shell 1965, 130-135) da versão em inglês para que se possa contrastar com o equivalente na versão em espanhol acima.

A grande diversidade dos alomorfes do sufixo RT nas línguas filhas, e o fato de que em Ch as formas de citação trissílabas do nome é também a forma RT em construções gramaticais levam a postulação de que no sistema PR as construções eram paralelas a estas no sistema Ch: a forma trissílaba era a forma de citação e a forma RT; a forma objetiva era compreendida de duas sílabas, o resultado da subtração da sílaba final. Os seguintes exemplos Ch são de Prost: ?awara piki ‘a anta o comeu’, ?awa piki ‘ele comeu a anta’, kaka ?awini raaki ‘a esposa guardou o cesto’ [kaka do Ch kákano ‘cesto’, jogo 163]. Em Ch o sujeito intransitivo como o objeto é compreendido da forma reduzida de duas sílabas exceto no aspecto incompletivo onde o sujeito intransitivo deve seguir o verbo; aí ele tem a mesma forma de três sílabas como o sujeito transitivo, e. g. ?oşaki kapiti ‘o jacaré dormiu’.⁴⁵ Em outras línguas, o objeto e as formas de referência intransitiva são iguais. Elas são tentativamente consideradas as mesmas para PR. A suposição adicional é que depois as formas curtas foram adotadas como formas de citação no antepassado de SC, Cp, Csh, Cn e A, a pressão gramatical insistiu em uma forma RT distinguível do objeto ou da forma de referência intransitiva. Consequentemente, um morfema similar à sílaba que foi perdida foi adicionado, com um nivelamento analógico mais evidente, mas não paralelo, em SC e Cp, e menos evidente em A e M.

A postulação de antigas palavras trissílabas similar a estas de Ch é substanciada pelos reflexos em outras línguas Pano Sul-Oriental P e K, e ainda mais pelos reflexos nas línguas Pano Sul-Occidental Az, At e Y. Embora Ch esteja na área Sul-Oriental, os reflexos em Az, At e Y apresentam padrões de desenvolvimento que se assemelham a estes de Ch mais do que a estes de P e K. Os reflexos de Az, At e Y de sílaba final para palavras trissílabas PR são paralelas, com poucas exceções, à sílaba final de Ch: jogo 239, Ch mítsisi, At máusási ‘unha (da mão)’, jogo 8, Ch ?áwara, At ahwara ‘anta’, jogo 149, Ch kiþítʃi, Az kipuátʃi ‘lábios’, At kihwátčī ‘lábios’, kiwuátčī ‘boca’, Y2 kiwuátčī ‘boca’, kihwátčī ‘lábios’, jogo 102, Ch boítʃo, At wúitčo, Y2

⁴⁵ A análise da forma curta como uma marcação de O é equivocada, o que foi primeiramente observado por Loos (1999, 240). Para uma descrição da distribuição de formas longas e curtas em Chakobo, sugere-se a leitura de Tallman (2018).

wũitčo ‘cera de abelha’, set 164, Ch kákama, At kǎkámǎ ‘abacaxi, ananás’, jogo 50, Ch hasíni, At ástani, Y2 ástani ‘mutum’, jogo 489, Ch wistima, Az huistima, At húistima, Y2 húistima ‘estrela’. Embora haja exceções, e.g. jogo 168, Ch kanápa ‘relâmapago, raio’, At kanaka ‘trovão’; algumas diferenças podem ser apenas ortográficas, e.g. jogo 240, Ch mikini, C2 mǎkina, Az mackena, At makáni ‘mão’, jogo 348, Ch poyámi, At puyami ‘braço’, jogo 476, Ch waşmini, C2 huaşmime, At wuaşmama, Y2 wuaşmama ‘algodão’⁴⁶.

No P da área do Pano Sul-Oriental, as palavras que predominam são as trissílabas, mas há uniformidade na sílaba final. É quase sempre /-na/ ou /-nǎ/, por exemplo o jogo 239, P1 [muitisnǎ] ‘unha’ jogo 255, P1 [makaşna] ‘cupim’, jogo 499, P1 [yavisna] ‘tatu’, jogo 476, P1 [huaşmonǎ] ‘algodão’, jogo 489, P1 [huiştina], P3 [uistine] ‘estrela’, jogo 491, P1 [yahanǎl ‘carrapato’, jogo 348, P1 [poyana], P2 [poyánu] ‘braço’, jogo 50, P1 [asinǎ] ‘mutum’, jogo 164, P1 [kakana] ‘abacaxi, ananás’. Geralmente /-na/ é precedido de /x/ quando a terceira sílaba PR era vogal precedida de uma consoante diferente de *s, *ʃ, *ş ou nasal, por exemplo, o jogo 16, P1 [isaxna] ‘pássaro’, jogo 149, P1 [kehuixna] ‘boca’, jogo 171, P1 [kapuixnǎ] ‘lagarto’. Na língua K nos poucos exemplos de jogos cognatos predomina /-na/, por exemplo, jogo 8, K [auána], [auha] ‘anta’, jogo 168, K [kananna] ‘relâmpago, raio’, jogo 402, K [sauánǎ] ‘arara’, jogo 444, K [tapóna] ‘raiz’. Há também derivados bissílabos de palavras PR trissílabas, por exemplo, jogo 165, K [kǎmánl ‘onça’, jogo 348, K [punya] ‘braço’, jogo 489, K [uistinl ‘estrela’. Os reflexos em P e K sinalizam palavras PR trissílabas, e nivelamento analógico sem perda de sílaba final – o padrão PR é retido, com mudanças de fonemas constituintes – com uma tendência a formas reduzidas para a citação em K.⁴⁷

Parcialmente contrário a postular palavras PR tendo três sílabas em suas formas de citação e RT, há alguma evidência de que às palavras PR trissílabas como formas de citação pudessem ter sido adicionados um morfema RT, dando, com certos alomorfes, uma palavra quadrissílaba⁴⁸. Em SC, no conjunto 8, *ʔawara > ʔawá ‘anta’, o padrão de mudança sendo paralelo a este das palavras trissílabas PR. Entretanto, há uma forma SC adicional em ʔawarǎ piti ‘comida de anta’, que é o nome de uma planta. Aqui, a antiga forma PR é retida, com a adição da nasalização final da vogal. A nasalização pode sinalizar para um morfema de nasalização PR para a forma RT;

⁴⁶ Como mencionado acima, este parágrafo consta na versão em espanhol, mas com pequenas modificações.

⁴⁷ Note que este parágrafo foi apresentado anteriormente como a nota 35 e consta como a nota 58 da versão espanhola de Shell (1975, 100). Importante notar ainda que a última frase não consta na versão em espanhol.

⁴⁸ “Esta possibilidade foi sugerida a mim por Sarah Gudschinsky em uma visita recente ao Peru”. No original: “This possibility was suggested to me by Sarah Guschinsky in a recent visit to Peru”.

nasalização vocálica foi mencionada antes nesta seção como alomorfe RT. (É claro que também é possível que uma forma de citação PR original e a forma RT podem ter incluído nasalização vocálica, que não aparece na forma Ch uma vez que toda a nasalização vocálica se perdeu em Ch.). Evidência adicional para um morfema RT PR além de três sílabas na raiz nominal é encontrada em M. Aqui, palavras desenvolvidas de palavras PR trissílabas terminadas em fricativas acanaladas mais vogais retêm a vogal final juntamente com a fricativa acanalada, e.g. ísisi ‘espécie de formiga’ (jogo 144), nákaʃĩ ‘cupim’ (jogo 255), yáwĩĩ ‘tatu’. Para a forma RT de tais palavras a última palavra pode ser nasalizada ou o sufixo -mã pode ser adicionado, e.g. ísisiĩ, ísisiĩmã, nákaʃĩ, nakaʃĩmã, yawĩĩĩ, yawĩĩĩmã. Pode-se argumentar que estas formas são o resultado de influência análoga, para conformar-se com o padrão de adição de sufixos de palavras bissílabas M derivadas de palavras trissílabas terminadas em outras consoantes que não fricativa acanalada mais vogal, e.g. yofĩ ‘espírito’, forma RT yofĩmã. Por outro lado, eles apresentam um forte argumento para um morfema RT PR para palavras trissílabas bem como para palavras bissílabas. Dois dos alomorfes do morfema RT podem ter sido nasalização vocálica e -mã (-mã tem alguma proeminência entre os vários alomorfes RT apresentados previamente para SC, Cp, Csh, Cn, A). Os desenvolvimentos então devem ter sido que a sílaba PR final perdeu-se em SC, Cp, Csh, Cn, A e todas as sílabas finais exceto as fricativas acanaladas mais vogal para M. O morfema RT nestas línguas foi influenciado pela sílaba Perdida resultando em vários alomorfes novos. Em Ch, em vez de perder a sílaba final da raiz PR, o uso do morfema RT PR foi descontinuado, as formas trissílabas tomando a sua função. Parte deste último desenvolvimento pode ter sido devido à fusão de vogais nasalizadas PR com vogais orais no Sistema fonológico Ch^{49,50}

Em ambas as versões do trabalho, é bastante incomum que os mesmos reflexos que servem para reconstruir uma terceira sílaba servem também como base para reconstruir um morfema de Referência Transitiva, o que vai contra princípios básicos do método comparativo (cf. Campbell, 2013). No entanto, se, na versão de Shell (1965), o morfema *-mã* é apenas sugerido como um possível alomorfe em PR e não é apresentado como uma reconstrução; em Shell (1975), esse mesmo morfema passa a centralidade da análise e é claramente apresentado como uma forma reconstruída **-ma* ou **-mã*.

⁴⁹ Cf. o original no anexo A.

⁵⁰ Aqui também cabe mencionar que as formas trissílabas em Chákobo não correspondem a formas ergativas, necessariamente. Considero que houve uma reanálise das formas e da função de formas largas em Chákobo, os detalhes do sistema sincrônico podem ser observados em Tallman (2018).

4.2.4. Isoglosas extendidas

No trabalho de Shell (1965), a autora apresenta isoglosas apenas para Kakataibo (Cashibo, Csh), Shipibo-Konibo (SC), Kapanawa (Cp), Chákobo (Ch), Amawaka (A), Kashinawa (Cn) e Marinawa (M). Para essa classificação, a autora utiliza as inovações compartilhadas identificadas por ela e um Sistema de Isoglosas (Shell 1965, 135-143). No entanto, no trabalho de Shell (1975, 111-112), ela apresenta o que ela denomina como “Isoglosas extendidas” e que permitem que ela apresente a classificação de línguas que apareciam apenas de forma secundária em seu trabalho, em suas palavras:

Os dados para a maioria das línguas que aparecem abaixo da linha nos jogos de palavras cognatas do Capítulo 6, são escassos e de valor fonético incerto. No entanto, serviram para confirmar algumas das hipóteses com respeito a origem da língua. As seguintes são algumas observações de como as línguas menos conhecidas se adaptam ao sistema isoglóstico, tomando como base o material dos jogos de palavras cognatas, que não serão repetidos aqui.

Dessa forma, ela classifica também as línguas Wariapano, Marubo, Nokomán, Mayoruna, Pakaguara, Karipuna, Arazaire, Atsawaka e Yamiaka⁵¹. Esta parte toma, além do parágrafo citado acima, 10 outros parágrafos, concluindo com considerações sobre hipóteses de movimentos populacionais, que não são desenvolvidas no trabalho. É nesta parte do trabalho que a autora faz menção ao Mayoruna e que, como vimos, são bastante equivocadas devido aos dados considerados. Olhando para os dados a sua disposição nesse momento, não se entende o motivo de não haver considerado os dados de May-F na revisão de sua tese de 1975.

4.2.5. O sumário

No sumário dos trabalhos de Shell, chama a atenção a supressão da metade de um parágrafo em que se discute exatamente a questão das formas de sujeito e de objeto do verbo. Para a comparação, apresenta-se primeiro a versão em espanhol e depois o parágrafo correspondente na versão em inglês.

Na estrutura gramatical a nível oracional e a níveis inferiores, a transitividade do verbo cumpria um importante papel. O nome ou o pronome como sujeito do verbo transitivo tinha uma forma de

⁵¹ Iskonawa é mencionado, mas não aparece no diagrama de isoglossas (Shell 1975,111).

Referência Transitiva (RT) diferente da forma para o sujeito do verbo intransitivo ou de objeto de verbo transitivo. **Uma hipótese é que o sufixo RT para os nomes era *-mã.**⁵²

Na estrutura gramatical a nível oracional e a níveis inferiores, a transitividade do verbo cumpria um importante papel. O nome ou o pronome como sujeito do verbo transitivo tinha uma forma de Referência Transitiva (RT) diferente da forma para o sujeito do verbo intransitivo ou de objeto de verbo transitivo. **Nomes dissílabos ou pronomes terminados com vogal oral final na forma de citação e de objeto recebiam um morfema de nasalização e tom alto na vogal final da forma RT**⁵³. Para nomes de um morfema, duas hipóteses são possíveis: (1) como em Ch, a forma de RT e citação do PR consistiam de três sílabas, as duas primeiras sílabas constituíam a forma do objeto. (2) A forma de objeto e de citação PR consistiam de três sílabas. Para a forma de referência transitiva um sufixo era adicionado, dando uma palavra quadrissílaba, como em certas palavras M tais como yáwifimã ‘tatu’(sujeito de verbo transitivo). A segunda hipótese sugere um processo para formar a referência transitiva paralela a esta dos nomes dissílabos mencionados acima, onde a forma de citação e a forma do objeto são idênticas e a forma RT é a forma flexionada.⁵⁴

⁵² No original: “En la estructura gramatical, a nivel de oración y a niveles inferiores, la transitividad del verbo jugaba un papel importante. El nombre o pronombre como sujeto del verbo transitivo tenía una forma de referencia transitiva (RT) diferente de la forma para el sujeto de verbo intransitivo o de objeto de verbo transitivo. Una hipótesis es que el sufijo RT para los nombres era *-mã”.

⁵³ “Mantendo-se a sugestão de que a nasalização acima, o morfema de nasalização (e o tom alto) podem ter se desenvolvido de um morfema pre-PR de estrutura silábica nasal-mais-vogal. No original: In keeping with the suggestion regarding nasalization above the morpheme of nasalization (and high tone) may have developed from a pre-RP morpheme of nasal-plus-vowel syllable structure”.

⁵⁴ No original: “In the grammatical structure, at sentence level and at lower levels the transitivity of the verb played an important part. The noun or pronoun as subject of the transitive verb had a transitive reference (TR) form different from the form for subject of intransitive verb or object of transitive verb. Two-syllable nouns or pronouns ending with final oral vowel in the citation and object form assumed a morpheme of nasalization and high tone of final vowel in the TR form. For other one-morpheme nouns, two hypotheses are possible: (1) As in Ch, the RP citation and TR form consisted of three syllables, the first two syllables constituted the object form. (2) The RP citation and object form consisted of three syllables. For the transitive reference forms suffix was added, giving a four-syllable word, as in certain M words such as yáwifima ‘armadillo (subject of transitive verb)’. The second hypothesis suggests a process for forming transitive reference parallel to that of the two-syllable nouns mentioned above, where the citation form and the object form are identical and the TR form is the inflected form”.

Se em Shell (1965) ela reconhece, inclusive, a possibilidade de as formas de citação – tão fundamentais a suas reconstruções – serem, de fato, como as formas de objeto das línguas Páno; em Shell (1975), não há qualquer espaço para dúvida, sendo toda a discussão substituída por uma frase que sugere apenas a reconstrução de **-mã*. Como discutido anteriormente, o termo “forma de citação”, central na análise de Shell (1965, 1975), é pouco operacionalizável uma vez que tanto formas morfológicamente complexas quanto formas simples (sem morfologia casual) podem ocorrer isoladamente em línguas contemporâneas. De fato, o que se deve considerar são formas com sufixos e formas sem sufixo.

Importante notar que a sugestão de que as formas de citação e as formas de objeto coincidem estão de acordo com a proposta de Oliveira (2014), que desenvolveu seu trabalho sem conhecer a versão de Shell (1965). De fato, essa consideração explicaria por que as terceiras sílabas de Shell se relacionam ao mesmo tempo a uma terceira sílaba e ao morfema de transitividade, pois estas sílabas finais, em Oliveira (2014), são analisadas como resultado de formas terminadas em consoante final e que recebem sufixos.

Esse cuidado especial com o quarto capítulo de sua tese talvez se deva às dificuldades de explicar a reconstrução de uma terceira sílaba, uma vez que este aspecto de sua análise já havia sofrido fortes críticas por Girard (1971, 150), naquela época, como se pode ler no trecho seguinte:

Shell, infelizmente, listou em seus jogos cognatos apenas as formas objetivas, exceto para Chacobo, onde aparentemente a forma ergativa é a forma de “citação”. Isto é muito vexatório, uma vez que seria interessante ver se (ou quantas vezes) as formas ergativas imprevisíveis em Amawaka e Marinawa coincidem com as de Chacobo. Aparentemente, a maioria das outras línguas e na maioria das instâncias reformaram essas sílabas ou vogais fonologicamente.⁵⁵

Por outro lado, Loos (1978c) já havia desafiado a proposta de Shell de uma referência transitiva **-mã*, propondo um **-n* como “marca de transitividade”. Portanto, os dois principais aspectos do quarto capítulo de

⁵⁵ No original: Shell unfortunately has listed in her cognate sets only the objective forms, except for Chacobo where apparently the ergative form is the “Citation” form. This is most vexing since it would be interesting to see if (or how often) the unpredictable ergative forms in Amawaka and Marinawa tally with those in Chacobo. Apparently most of the Other languages and in most instances have reformed these final syllables or vowels phonologically.

Shell (1965) já haviam sido desafiados antes da publicação de Shell (1975), o que poderia justificar a atenção dada a este capítulo na revisão de sua tese.

5. Considerações finais

Ao final do artigo, espera-se haver demonstrado que as diferenças entre as duas versões do trabalho de Shell devem levar a consideração de que são, pelo menos, duas edições bastante diferentes, sendo a última (Shell, 1975) uma versão revisada e bastante modificada da primeira (Shell, 1965). Uma questão que chama a atenção ao se comparar as duas versões é a não consideração dos dados Mayoruna de Fields nas análises de Shell (1975). Nota-se ainda uma atenção especial dada aos temas “Referência Transitiva” e “Formas trissílabas” na reformulação apresentada em Shell (1975), o que contrasta com a quase inexistência de revisão de outros aspectos.

A partir deste artigo, espera-se chamar a atenção dos panoístas para a necessidade de uma leitura crítica do trabalho de Shell (1965) e de consideração não apenas de suas reconstruções, mas dos detalhes analíticos apresentados pela autora e de suas consequências para a interpretação dos desenvolvimentos no interior da família. Nesse sentido, cabe mencionar que Shell (1965) é a primeira autora a considerar a possibilidade de reconstrução de formas de citação bissílabas para o que ela reconstruiu como trissílabas, mas que este aspecto passou despercebido dos pesquisadores da área dada a desconsideração do trabalho de Shell (1965) e a ênfase no trabalho de Shell (1975). Espera-se ainda chamar atenção para problemas metodológicos dos trabalhos de Shell (1965 e 1965), principalmente quanto à comparação de formas de citação que levaram a autora a uma reconstrução de formas trissilábicas sem uma fundamentação metodológica adequada.

Embora não se possa afirmar categoricamente, especulou-se, nesse artigo, a possibilidade de Shell (1975) ter modificado aspectos de sua análise com vistas a novas análises surgidas após a conclusão de sua tese e de críticas ao seu trabalho, especialmente Girard (1971) e Loos (1978c). Nota-se ainda um esforço, no trabalho de 1975, por retirar os questionamentos presentes em sua própria tese quanto aos aspectos principais do seu trabalho reconstrutivo e um apagamento das hipóteses alternativas que ela mesma apontava em 1965. Nesse último caso, também se considera que seria uma forma de tentar fortalecer seu trabalho principal frente aos questionamentos que se apresentavam.

Referências

- AGUIAR, Maria Sueli. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994. 308f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.
- BICKEL, Balthasar; NICHOLS, Johanna. 2007. Inflectional morphology. In: SHOPEN, Timothy (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description volume III: Grammatical Categories and the Lexicon*, 2nd Ed. Cambridge University Press: Cambridge.
- CAMPBELL, L. *American Indian Languages: the historical linguistics of native America*. New York: Oxford University Press, 1997.
- _____. 2013. *Historical Linguistics: an introduction*. Edinburgh University Press, 3^a Ed.
- CÂNDIDO, Gláucia Vieira. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
- _____. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): Uma visão não-linear*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- FERREIRA, Rogério Vicente. *Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- _____. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.
- FLECK, David W. *A grammar of Matsigenka*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), Rice University, 2003.
- _____. *Panoan languages and linguistics*. New York: American Museum of Natural History, 2013.
- GIRARD, Victor James. *Proto-Takanan phonology*. Berkeley: UCPL 70, 1971.
- KNEELAND, Harriet. La frase nominal relativa en Mayoruna y su ambigüedad. In: *Serie Lingüística Peruana*, n. 11. p. 54-105. 1978.
- LANES, Elder José. *Aspectos da mudança lingüística em um conjunto de línguas Amazônicas: as línguas Pano*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

- LARSON, Mildred L.; DAVIS, Patrícia M.; DÁVILA, Marlene Ballena (orgs.). *Educación bilingüe: una experiencia en la Amazonía Peruana*. Lima: ILV. 1979.
- LONGACRE, Robert E. Comparative Reconstruction of Indigenous Languages. In: *Current Trends in Linguistics 4: Ibero-American and Caribbean Linguistics*, pp. 320-360.
- LOOS, Eugene. La señal de transitividad del sustantivo en los idiomas pano. In: *Serie Lingüística Peruana*, n. 10, p. 133-184, 1978a.
- _____. La construcción del reflexivo en los idiomas panos. In: *Serie Lingüística Peruana*, n. 11. p. 160-261. 1978b.
- _____. Algunas implicaciones de la reconstrucción de un fragmento de la gramática proto-pano. In: *Serie Lingüística Peruana*, n. 11. p. 262-282. 1978c.
- _____. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 227-249.
- SHELL, Olive Alexandra. *Pano reconstruction*. 1965. 534f. Tese (Doutorado em Linguística), University of Pennsylvania, 1965.
- _____. *Las lenguas pano y su reconstrucción*. Serie Linguística Peruana N. 12 Lima: ILV/MEd, 1975.
- NEELY, Kelsy Caitlyn. 2019. *The linguistic expression of affective stance in yaminawa (Pano, Peru)*. Disertación de doctorado en Linguística, University of California, Berkeley, California, EUA.
- OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de. 2014. *Contribuições para a reconstrução do ProtoPano*. Tesis Doctoral, Universidade de Brasília.
- PAULA, Aldir Santos de. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
- SOUSA, Gladys Cavalcante. *Aspectos da fonologia da lingual Kaxarari*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

SOUZA, Lívia Camargo Silva Tavares. *Fonologia, morfologia e sintaxe das expressões nominais em Yawanawá (pano)*. 2013. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SPANGHERO-FERREIRA, Vitória Regina. 2000. *Língua matis (Pano): uma análise fonológica*. Tesis de Maestría.

_____. *Estudo lexical da língua Matis*: Subsídios para um dicionário bilingüe. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

TALLMAN, Adam J. 2018. *A Grammar of Chácobo, a Southern Pano Language of the Northern Bolivian Amazon*. Tesis Doctoral, University of Texas at Austin.

VALENZUELA, Pilar. *Transitivity in Shipibo Konibo Grammar*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), University of Oregon, Oregon, 2003b.

VALENZUELA, Pilar M.; GUILLAUME, Atoine. 2017. Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana: una introducción. *Amerindia* 39.1: 1-49.

VALLE, Daniel. *Grammar and information structure of Kakataibo*. PhD dissertation, University of Texas at Austin. 2017.

ZARIQUIEY, Roberto. *A grammar of Kashíbo-Kakataibo*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística), La Trobe University, Bundoora, Victoria, 2011.

_____. *A grammar of Kakataibo*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2018.

_____. *Bosquejo Gramatical de la Lengua Iskonawa*. Boston: Latinoamericana Editores/CELACP/Revista de Critica Literaria Latinoamericana. 2015.

Apêndice I

Dados do Mayoruna de Hawkins e do Mayoruna de Fields em Shell (1975)

	May-H		May-F	
1. *ʔa			aʔ	(matar)
3. *ʔamino			wamin	(capibara)
4. *ʔani			ani-	‘grande’

6. *ʔaʂi			-aʂ	‘sufijo de concordancia del intransitivo’
8. *ʔawara			awád	(tapir, usado antiguamente)
9. *ʔawini			awín	(esposa)
11. *ʔi			i, ibí	‘yo’
14. *ʔiani			tʃián	(lago)
15. *ʔiʔʔo			iʔʔo	‘dueño’
17. *itsisa			itsís-kio	(caliente)
18. *ʔiko-			ikúʔ	(llevar en los brazos, abrazar)
19. *ʔina-			mĩntsís	(subir (como la ardilla en el árbol))
26. *ʔiso	tsu'naisu	(monkey)		
30. *ʔiwi			iwí	(pesado)
32. *[ʔ]oʔposʃʃi			opós	(nigua)
33. *ʔoi			oé	(lluvia)
40. *ʔoʂi			oiʂí	(luna)
49. *ani			ne	‘nombrar’
52. *ati			abí terí	(todos)
55. *awĩ			atón	(su, de él)
60. *ʔaki			bakwí	(niño, prole)
63. *ʔari			badí	‘sol en la estación seca’
66. *ʔata			batá	(dulce)
77. *ʔini			biní	(hombre)
79. *ʔipo[n/mV]			ʔipín	(leche de árbol, savia)
89. *ʔitʃi			bitsí	(corteza)
91. *ʔii			biós	(zancudo)
98. *ʔoʔná ti			boanté	(baúl, caja)
99. *ʔori[CV]			bodíd	(clase de palmera)
104. *ʔokó			bokó	(fibras de la que se hace hilo)

106. *βoo			bo	(pelo)
108. *βōsi[n/ mV]			bosén	(nutria pequena)
109. *βoʃkata			boʃkád	(cabeza, usado antiguamente)
110. *tsaʔo-			tsad	(estar sentado)
112. *tsiko-			tsokód	(tener hipo)
115. *[ts]is[t]o			sisó	‘carbón de leña’
116. *tso[a]			tsóra	‘quien’
124. *tʃaʃo			tʃaʃó	(venado, usado antiguamente)
125. *tʃiʔi			kwi-tsi-áro	‘fuego’
132. *ini			iní	‘líquido’
137. *iʃi	iʃi	‘eye’	iʃí	‘semilla, ojo’
145. *is[t]ō-			isón	(orinar)
152. *kʷina-			kwin-	(llamar)
155. *kʷini			kwiʔo	‘barba’
156. *kʷino-			kwinó	‘afilado’
162. *kai	‘tita	(mother)	kaibo	(madre)
164. *kākama			kantʃi	(piña, ananá)
167. *kana			kaná	(clase de guacamayo)
169. *kan[o/a]ti			kantí	(arco)
170. *kapa			kapá	(ardilla)
172. *kari			karí	(camote)
173. *ka[a]ro			karó	(leña, usado antiguamente para)
174. *kas- ∞ *katsi			-kas, -as	(sufijo verbal desiderativo)
175. *kaʃi			kwaís bán	(murciélago)
185. *kini			kiní	‘hueco (usado antiguamente)’
187. *koʔini			koén	(humo, vapor)
188. *koβi			koró	(hervir)
192. *koko			kokó	(tío, sobrino, suegro)

197. *koo			ko	(pus)
201. *koşo			koşó	(clase de pavo silvestre)
202. *-m[a]-			-me-	(sufijo verbal causativo)
203. *maʔtʃi			makwĩş	
217. *mani			maní	‘plátano’
222. *mapoka			mapóʔ	(arcilla, usado antiguamente)
225. *ma[s]i[n/mV]			masín	‘clase de árbol’
240. *míkini			midánte	‘mano’
249. *moka			moká	‘amargo’
250. *moşa			moşá	(espina, usado antiguamente)
258. *nami			namí	(carne, alimento)
262. *naʃi-			nes-	(bañarse)
265. *nawa			nawá	‘gente “grillo”’
268. *nia			niá-	(pájaro trompetero, usado antiguamente)
270. *nişa-			niş	(atar)
278. *ni[i]ni-			nin-	(halar)
279. *niskā-			itʃaʔ-	(sudor)
292. *nono-			non-	(nadar)
294. *nōti			nonté	(canoa)
295. *no[ya]-			noán	(volar)
298. *ōtsisi			taintsís	(uña del dedo del pie)
301. *oĩti	uĩte	(heart)		
307. *paʔtsa-			pan-	(lavar ropa)
310. *paβĩki	ʔpaĩf	(ear)	pabiáte	(oído)
311. *paka			paká	(clase de bambu, usado antiguamente)
314. *pa[ʔ]o			paód	(oído)

315. *papa			papá	(tío paterno, título de respeito, padre del hablante masculino)
317. *paro	pařu	(river)	paródapá	(río)
325. *piři			poró	(hoja, pluma)
326. *pi-			pe-	(comer)
328. *pia			piá	(flecha)
330. *pino			pinó	(colibrí)
337. *piti			peté	(alimento)
341. *poko			pokó	(abdomen, intestinos)
342. *pono			ponó	(vena, tendón)
348. *poyami	pořo	(arm)	poró	(brazo)
350. *rařo			dawí	(medicina)
352. *rařita			daíd, dabíd	(dos)
354. *rãřořoko			danış	(rodilla)
358. *rani			daní	(vello del cuerpo, usado antiguamente)
361. *riřo			dibiate	(punta, aguas arriba)
362. *riřoko			dibiatemi	(aguas arriba)
368. *-riřbi			-di	‘otra vez’
369. *rir[o/i]			didé	(clase de mono)
372. *rořo			do	(clase de mono, usado antiguamente)
373. *roi			doí	(hacha de piedra)
382. *sisři			sisé	(mapache)
390. *řipi			tsipí	(clase de mono pequeño)
392. *řaři			řaí	(oso hormiguero)
397. *řano			řanó	‘esposa del hermano’
399. *řapo			řapód	‘árbol del kapok’
403. *řawi			řawí	(clase de tortuga)
405. *řiřa-			ři-	(beber)
407. *řiřo[n/ mV]			řibón	‘retoño de la palmera’

412. *şini			şinió	(grasa, manteca, usado antiguamente)
414. *şita	'jita	(tooth)	şitá	(diente, pico)
415. *şiti			poikón şití	(buario)
416. *şiti-			şid-	(oler, olfatear)
419. *-şö			-şon	(sufijo de concordancia transitiva)
422. *şoa-			şoán-	(sentir comenzón, rascar)
424. *şoβo			şobó	(casa)
425. *şoka-			bişó [?] -	(descascar, pelar)
436. *taʔi	'tai	(foot)	taí	(pie)
440. *tamo			tanşóko	(mejilla)
443. *tapo			tapó	(balsa, puente)
465. *toşpi			toşpí	(verruca)
466. *-wa			oa	(hacer)
474. *wasi			wasín	(hierba)
476. *waşmini			waşmín	(algodón, usado antiguamente)
479. *wits[a]			otsí	(otro)
481. *wiʔtaşi			wişpó	(pierna)
482. *wia			wiád	(olor)
485. *wino			uí	'dar con la macana'
487. *wipoko			wipóko	(pantorrilla, pierna)
488. *wiso			tʃoná wiso	'mono negro'
492. *yaka-			yakirá	'bajar (el sol)'
496. *yapa			yapá	(pez, usado antiguamente)
499. *yawisʃi			tsawés, yof	(clase de armadillo)
500. *yoʔi			on-	(decir, hablar)

Anexo A

No original: “The very great diversity of TR suffix allomorphs in the daughter languages, and the fact that in Ch the three-syllable citation form of the noun is also the TR form in grammatical constructions have led to the postulation that in the RP system the constructions were parallel to those in the Ch system: the three-syllable form was the citation and TR form; the object form was comprised of two syllables, the result of subtraction of the final syllable. The following Ch examples are from Prost: *ʔawara piki* ‘the tapir ate (it)’, *ʔawa piki* ‘(he) ate the tapir’, *kaka ʔawini raaki* ‘the wife sent the basket’ [*kaka* from Ch *kákano* basket, set 163]. In Ch the intransitive subject like the object is comprised of the reduced two-syllable form except in the incomplete aspect where the intransitive subject must follow the verb; there it has the same three-syllable form as transitive subject, e.g. *ʔosaki kapiti* ‘the alligator sleeps’. In the other languages, the object and intransitive reference forms are the same. They are tentatively considered the same for RP. The further postulation is that after the shorter forms were adopted as citation forms in the ancestry of SC, Cp, Csh, Cn, A, grammatical pressure insisted on a TR form distinguishable from the object or intransitive reference form. Consequently, a morpheme similar to the syllable which was lost was added, with analogic leveling most evident, but not parallel, in SC and Cp, and least evident in A and M”.

“The postulation of early three-syllable words similar to those of Ch is substantiated by reflexes in the other Southeast Pano languages P and K, and even more by reflexes in the Southwest Pano languages Az, At, Y. Though Ch is in the Southeast area, the reflexes in Az, At, Y show patterns of development which resemble those of Ch more than do those of P and K. The Az, At and Y reflexes of final syllable for RP three-syllable words parallel, with little exception, the final syllable of Ch: set 239, Ch *mítsisi*, At *máusási* [finger]nail, set 8, Ch *ʔawara*, At *ahuara* ‘tapir’, set 149, Ch *kiʔítʃi*, Az *kipuatʃi* ‘lips’, At *kihuátči* ‘lips’, *kiwuátči* ‘mouth’, Y2 *kiwuátči* ‘mouth’, *kihuátči* ‘lips’, set 102, Ch *ʔoítʃo*, At *wúitčo*, Y2 *wúitčo* ‘beeswax’, set 164, Ch *kákama*, At *kákámá* ‘pineapple’, set 50, Ch *hasíni*, At *ástani*, Y2 *ástani* ‘wild turkey’, set 489, Ch *wistima*, Az *huistima*, At *húistima*, Y2 *húistima* ‘star’. However, there are exceptions, e.g. set 168, Ch *kanápa* ‘lightning’, At *kanaka* ‘thunder’; some differences could be orthographic only, e.g. set 240, Ch *mikini*, C2 *mákina*, Az *mackena*, At *makáni* ‘hand’, set 348, Ch *poyámi*, At *puyami* ‘arm’, set 476, Ch *waşmini*, C2 *huaşmime*, At *wuaşmama*, Y2 *wuaşmama* ‘cotton’”.

“In language P of the Southeast Pano area, three-syllable words predominate,

but there is a uniformity in the final syllable. It is almost always -na or -nã, e.g. set 239, P1 *muitisnã* ‘nail’, set 255, P1 *makaşna* ‘termite’, set 499, P1 *yavisna* ‘armadillo’, set 476, P1 *huaşmonã* ‘cotton’, set 489, P1 *huiştina*, P3 *uistine* ‘star’, set 511, P1 *yahanã* ‘tick’, set 348, P1 *poyana*, P2 *poyánu* ‘arm’, set 50, P1 *asinã* ‘wild turkey’, set 164, P1 *kakana* ‘pineapple’. The -na is usually preceded by x when the RP third syllable was vowel preceded by consonant other than grooved fricative or nasal, e.g. set 16, P1 *isaxna* ‘bird’, set 149, *kehuixna* ‘mouth’, set 171, P1 *kapuixnã* ‘alligator. In language K, in the few examples in the cognate sets -na is predominant, e.g. set 8, K *auána*, *auha* ‘tapir’, set 168, K *kananna* ‘lightning’, set 402, K *sauánã* ‘macaw’, set 440, *tapóna* ‘root’. There are also two-syllable reflexes, e.g. set 165, K *kāmán* ‘jaguar’, set 348, K *punya* ‘arm’, set 489, K *uistin* ‘star’. The reflexes in P and K point to three-syllable RP words, and analogic leveling without loss of final syllable--the RP pattern is retained, with change of constituent phonemes --with a tendency toward reduced forma for citation in K”.

“Partially contrary to the postulation of RP words having three syllables in their citation and TR form, there is some evidence for RP three-syllable words as citation forms to which could have been added a TR morpheme, giving, with certain allomorphs, a four-syllable word. In SC, in set 8, **awara* > *ʔawa tapir*, the pattern of change being parallel to that from other RP three-syllable words. However, there is a further SC form in *ʔawarã piti* ‘tapir food’, which is the name of a plant. Here the older RP form is retained, with the addition of nasalization of final vowel. The nasalization may point to an RP morpheme of nasalization for the TR form; vowel nasalization has been mentioned before in this section as a TR allomorph. (Of course, it is also possible that an original RP citation and TR form may have included vowel nasalization, which does not appear in the Ch form since all phonemic RP nasalization was lost in Ch.) Further evidence for an RP TR morpheme in addition to the three syllables in the noun root is found in M. Here, words developed from RP three-syllable words ending in grooved fricative plus vowel retain the final vowel along with the grooved fricative, e.g. *ísi* ‘kind of ant’ (set 144), *nakaşi* ‘termite’ (set 255), *yawisi* ‘armadillo’ (set 499). For the TR form of such words the last vowel may be nasalized, or suffix -mã may be added, e.g. *ísişĩ*, *ísisimã*, *nakaşĩ*, *nakaşimã*, *yawişĩ*, *yawişimã*. One could argue that these forms are the result of analogical influence, to conform with the pattern of adding suffixes to M two-syllable words derived from RP three-syllable words ending in consonant other than grooved fricative plus vowel, e.g. *yofi* ‘spirit’, TR form, *yofi*mã. On the other hand, they present a strong argument for an RP TR morpheme for three-syllable words as well as for two-syllable words. Two of the allomorphs of

the TR morpheme may have been vowel nasalization and -mã (-mã. having some prominence among the various TR allomorphs presented previously for SC, Cp, Csh, Cn, A). The developments would then have been that final RP syllable was lost in SC, Cp, Csh, Cn, A, and all final syllables except grooved fricative plus vowel for M. The TR morpheme in these languages was influenced by the lost syllable resulting in various new allomorphs. In Ch, instead of losing final RP root syllable, the use of the RP TR morpheme was discontinued, the three-syllable form taking on its function. Part of the latter development may have been due to the merging of RP nasalized vowels with oral vowels in the Ch phonological system”.